

DO CONFESSONÁRIO AO DIVÃ: CONQUISTAS FEMININAS NO DISCURSO DO SÉCULO XIX E XX.

Danielle de Medeiros Sousa

Departamento de História – UFRN

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma breve análise de dois espaços conquistados pelas mulheres no âmbito: a psicanálise e o modernismo literário, entre os séculos XIX e XX, que ganham em importância, já que, sabemos o quanto a fala e a escrita feminina foram desacreditadas e colocadas à margem diante da fala e da escrita masculina. Esses dois processos colocaram as mulheres em evidência, tirando-as de seus tradicionais papéis secundários para os de protagonistas em uma peça marcadamente masculina: a do discurso.

Palavras-chave: mulher, discurso, espaço, conquistas.

É fato conhecido que foi criado para as mulheres, dentro da sociedade, um papel bem definido, com limites estreitos de comportamento que tinham como base de sustentação a “natureza” da mulher, que se acreditava a havia constituído para as tarefas de ser mãe, filha e esposa. Porém, entre os séculos XIX e XX, percebemos mudanças no comportamento feminino. Os papéis antes determinados para elas passam a não ter mais tanto peso para suas vidas. Suas novas conquistas iam agora, em um sentido oposto as das velhas práticas. Aqui, pretendo discutir uma dessas novas conquistas, a do discurso.

Durante séculos, a fala feminina foi limitada, desacreditada, tida como fantasiosa. A mulher, mesmo não concordando com sua posição social restrita, com seus conflitos e medos, não possuía um espaço na linguagem - nem verbal nem escrito - para denunciar preconceitos que vivia ou descontentamento que porventura, poderia sentir. Seu pensamento, quando posto na ação da fala, ficava retido ou entre as paredes de um confessionário e suas posteriores penitências ou em conversas escusas com outras mulheres. Na escrita, sempre presa a romances que, sendo ou não engajados na causa feminina, eram sempre tidos como de segunda, terceira categoria, já que mulheres não sabiam escrever. O século XIX, entretanto, traz duas grandes novidades que proporcionarão o começo de uma mudança nessa paisagem tão desalentadora: a psicanálise e o modernismo literário.

Vejamos primeiro a psicanálise: Fundada por Freud, no século XIX, ela invade o meio alienista com uma proposta inovadora no tratamento para as doenças da psique: o diálogo, uma conversa entre doente e psiquiatra. Seus primeiros pacientes são mulheres tidas como portadoras de um mal que por séculos intrigou leigos e especialistas: a histeria, seu nome procede de *histerus* (útero em grego) portanto, como podemos concluir, uma doença por muitos séculos creditada apenas ao feminino. Mulheres histéricas eram, para Freud, portadoras de traumas – depois visto por ele

como de cunho sexual - que, sem espaço de escape, se transformavam nessa doença que possui estranhos sintomas: contorções violentas, perda da sensibilidade de alguma parte do corpo, afonia etc. Assim vemos um sintoma psíquico (o trauma) se transformar em um sintoma somático (a histeria). Mas como o tratamento das histéricas feito por Freud pode ser considerado uma conquista de espaço para o feminino?

Para entender, vejamos um pouco o período anterior às técnicas freudianas de levar pacientes a conversarem em seu divã: Primeiro que, como foi dito antes, a fala feminina sempre caía no vácuo misógino do descrédito: ou se pensava que a mulher inventava histórias devido a má influência, por exemplo, dos romances que punham as moças a fantasiar, criar situações ou simplesmente, por quererem confusão, fazendo dramas sem propósito. E quando o assunto se referia a aspectos mais íntimos, como: descoberta do próprio corpo, paixões, desejos sexuais, era pior, pois esses eram elevados ao status de tabu, “Mulheres direitas não falam dessas coisas!”

No caso específico das mulheres histéricas, elas, durante muito tempo, eram postas a apenas recriarem seus espasmos, para a apreciação masculina. Exemplo disso são as famosas aulas ministradas pelo renomado neurologista Jean-Martin Charcot, que foi professor de Freud durante seu estágio na França. Ele não tinha como objetivo saber dos motivos que levariam à doença, seu trabalho era puramente nosológico, ou seja, classificatório. Ele lançava mão da hipnose com as internas da Salpêtrière, para que elas recriassem seus sintomas histéricos. A preferida de todos os que iam assistir a essas aulas era Augustine, jovem que deu entrada na clínica aos 15 anos. Desde pequena trabalhava como empregada doméstica. Aos 13, ela foi estuprada pelo seu patrão, e quando se encontrava em estado hipnótico, se punha a recriar essa parte de sua vida que a marcaria para sempre. Podemos ver que Charcot não quer saber da vida de Augustine ou de seus problemas, queria apenas ela apenas posasse para seu trabalho de classificação da doença, que ele viria a chamar de Grande Histeria.

Durante muito tempo, as histéricas foram tidas como mentirosas, já que se acreditava que a histeria, era na verdade, uma necessidade tipicamente feminina de chamar a atenção. Chegou-se a escrever que a histeria seria um componente essencial da natureza feminina. Na idade Média e início da Idade Moderna, muito provavelmente, mulheres histéricas foram confundidas com bruxas tendo o seu fim certo na fogueira, ou consideradas pessoas atormentadas por espíritos malignos, possuídas pelo demônio, sendo a maior parte delas enclausuradas em conventos, ou mantidas a todo custo pela família presas em casa. Assim vemos, portanto, as mulheres amarradas em um silêncio sufocante. Como poder se manifestar verbalmente se sua palavra da nada valia? Considero a histeria: corpos femininos em ações violentas, uma consequência extrema dessa falta de espaço verbal. Se não conseguiam usar a fala, seus corpos exteriorizavam o que não lhes foi permitido dizer, se transformando em um texto mudo, dando evasão a insatisfações e desejos. Nesse momento entra em cena o divã de Freud, nele as mulheres histéricas falam de suas vidas, tocam nos assuntos mais “vergonhosos”, pudicos, porém aqui, são atenciosamente ouvidas e, o que descrevem acaba ganhando - numa surpreendente contradição que a história mais uma vez nos brinda - um status científico de verdade!

Para Freud, as mudanças que aconteciam com suas pacientes eram surpreendentes, isso seria crédito do tratamento pela palavra, que ele as destinava. Escreveu certa vez:

“Verificamos, com efeito, e para a surpresa nossa, [...] que os diferentes sintomas histéricos desapareciam imediata e definitivamente [quando] o paciente descrevia, o mais

minuciosamente possível, o dito processo, dando expressão verbal ao afeto.”¹

Em alguns casos que Freud tratou, fica evidente o quanto essas mulheres não tinham espaço verbal em suas vidas privadas. Aqui, farei menção a um deles: o de Emmy. Essa senhora tinha um leque de sintomas histéricos que iam desde repulsa a alimentos até tiques nervosos e constantes na boca. No divã de Freud, ela falou sobre sua mãe cerceadora (que provavelmente também foi cerceada), seu casamento arranjado com um homem mais velho e suas duas filhas desse casamento, sendo uma delas não muito desejada. Em uma das sessões, Freud encontra o que seria a causa da repulsa de Emmy por alimentos: certa ocasião, enquanto cuidava de seu irmão tuberculoso e comia seu almoço, Emmy o viu espuir em sua escarradeira. Freud chegou a conclusão que, naquele momento, por não ter falado ou se retirado do local, ou seja, não ter demonstrado insatisfação com aquela situação de alguma forma, Emmy guardou em si o trauma que, agora, se manifestava através desse sintoma histérico.

Ora, não é só nessa ocasião específica que Emmy não expressa sua insatisfação, na transcrição que Freud fez das sessões que teve com ela, fica claro que a paciente nunca fazia objeções a sua mãe castradora, nem reclamou de seu casamento arranjado, nem sequer pôde ter controle sobre seu próprio corpo e adiar uma gravidez... Emmy, assim com muitas mulheres antes e depois dela, não possuía espaço verbal para falar sobre si, para emitir opiniões, nem mesmo que fossem sobre suas vidas ou demonstrar algum tipo de insatisfação. Se o tivesse, provavelmente não se casaria tão jovem, esperaria um melhor momento para engravidar e revelaria a seu descontentamento no tratamento que sua mãe a dispensava. Assim, enquanto Freud considerava que a cura de suas pacientes histéricas estava no ato de falar sobre seus traumas eu ousou ir além... Acredito que a cura dessas mulheres estava no simples ato de falar.

É fato que a linguagem é misógina, não em suas estruturas, mas sim nas suas aplicações, isso por se tratar de um forte instrumento de poder, de normalização. Dentro de uma sociedade patriarcal como a nossa, será difícil dizer quem a domina? A psicanálise, portanto, abre esse espaço antes interdito.

O modernismo literário veio, nesse mesmo recorte temporal, para também abrir mais um espaço ligado ao discurso: o literário. Mas poderíamos pensar que, antes do século XIX, já existiam mulheres nesse árduo mundo das letras, é só passarmos nossos olhos rapidamente pela história da literatura: Jane Austen, George Sand, George Eliot, Currer Bell, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, tiveram projeção,

1 FREUD, Sigmund. Charcot e a histeria. p. 23

apesar do preconceito ainda estar tão evidente, já que muitas faziam sucesso literário, pois ocultavam seu sexo, usando nomes masculinos para a divulgação de seus trabalhos. Afinal, qual seria então a novidade que o século XIX nos traria?

Ora, vemos a partir daí, mulheres saíam dos costumeiros romances, que se constituíam, praticamente como único território de atuação para elas na literatura. O desejo de transformação, de ruptura que o Modernismo trazia para as artes, ajudou as mulheres escritoras a seguirem outros caminhos. Além do modernismo, uma série de outros fatos contribuíram nessa mudança de postura diante da literatura, como: a luta pelo voto, o maior acesso a escolaridade etc.

Saem de cena os romances e entram os ensaios, verdadeiros manifestos feitos por mulheres sobre sua condição secundária na sociedade. Entre algumas dessas produções, escolhi falar rapidamente sobre o ensaio “*Virgindade anti-higiênica – Preconceitos e convenções hipócritas*” da paulistana Ercília Nogueira Cobra, de 1924. Duas questões parecem centralizar a empreitada da escritora: a do preconceito da inferioridade intelectual das mulheres, e a da diferença da moral sexual para os sexos, principalmente no que se refere à obrigação de a mulher permanecer virgem até o casamento. Daí o título do livro, que pode assustar os menos desavisados. A virgindade anti-higiênica a que Ercília se refere, não seria falta de asseio do corpo, mas sim da mente, para ela o sexo estava ligado a saúde psíquica, seria uma higiene mental. Essa higiene tão praticada pelos homens, porém interdita para a mulher, e que ela faz questão de salientar, está totalmente desligada da questão da procriação.

Quando o assunto envereda pela suposta inferioridade intelectual feminina, Ercília é direta: para ela isso era devido a educação que tradicionalmente era destinada a mulher. A autora acreditava que o ser humano era produto do meio e da educação. Portanto a inferioridade intelectual só poderia ser comprovada se as mulheres fossem educadas em condições de igualdade à dos homens. Mas Ercília vai além. Ela questiona com veemência a associação que a sociedade fazia (e faz, ainda hoje) entre capacidade feminina com seu sexo. Ela diz em seu livro:

"A anatomia da mulher é perfeitamente igual a do homem. Nas escolas estuda-se anatomia humana e não anatomia masculina, separadamente. A diferença única está no sexo. Mas ninguém pensa com o sexo! Pensa-se com o cérebro e este, está demonstrado é da mesma massa na mulher e no homem." ²

Por ser tão direta, Ercília chocou a sociedade brasileira, tendo seu livro apreendido pela polícia, pois *Virgindade anti-hiêngica...* foi considerado pornográfico, uma perfeita obra do demônio. Ercília mulher culta, que viajava sozinha, que se sustentava tocando piano em um cabaré, fugiu de todos os limites impostos as mulheres: Saiu de casa ainda adolescente, junto com a irmã. Nunca se casou, nem teve filhos, apesar de muitos amantes e de alguns casos homossexuais.

2 COBRA, Ercília Nogueira. *Virgindade anti-higiênica: Preconceitos e convenções hipócritas*. p.33

Porém, mais interessante do que avaliar as propostas feitas por essas mulheres para uma mudança comportamental feminina mais profunda, é perceber o significado das produções em si: elas se formam como uma prática dessa conquista, ou seja, ao mesmo tempo que clamam por mudanças, estão praticando o início dessas mudanças. Ao mesmo tempo em que estão pedindo mais espaço, já estão praticando este espaço de conquista. Além de serem conscientes e diretas: sabem apontar com segurança onde está o problema da subjugação da mulher: a educação, na verdade a falta dela. Lembremo-nos aqui também, do famoso ensaio *Um teto todo seu* da inglesa Virginia Woolf, no qual ela aborda a mesma questão educacional de Ercília, através da qual, para ela, a mulher atingiria a verdadeira emancipação: a financeira, podendo a partir daí ter um “um teto” para si, sem se preocupar em dar satisfações a terceiros e levando sua vida da maneira que escolhesse viver.

É válido ressaltar que, transformações profundas não acontecem do dia para noite, levam tempo e, no caso específico do nosso tema, nós mulheres ainda estamos nesse processo de conquista. Assim, consideremos que o espaço aberto no

discurso para as mulheres nesse período foram conquistas, que apesar de terem sido de certa maneira isoladas – como no caso da psicanálise, já que nem todas as mulheres podiam pagar para serem escutadas. E em algumas ocasiões duramente reprimidas – como o caso da apreensão dos livros de Ercília tão bem demonstra – são sim importantes, pois rasgaram normas impostas ao nosso comportamento, abriram fendas que não puderam ser mais restauradas, tiraram as mulheres de seu tradicional papel secundário da vida cotidiana, para serem protagonistas da história. Essas mulheres aterraram os muros da misoginia, limparam o terreno, depositaram e encaixaram algumas pedras, em um caminho antes interdito, para que, gerações posteriores pudessem caminhar com segurança, mais firmes e menos temerosas.

BIBLIOGRAFIA:

AVEZEDO, Juliana Cavalcante de. **A falsa medida dos homens**: loucura, mulheres e eugenia no Hospital de Alienados em Natal (1911-1930). Monografia em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2005.

AZEVEDO, Juliana Rocha de. **Dos Alienados aos Psicopatas**: o processo de institucionalização da loucura no rio Grande do Norte (1857-1957). Monografia em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2003.

BRUER, Josef; SIGMUND, Freud. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Imago, 1996

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COBRA, Ercília Nogueira. **Virgindade anti-higiênica:** preconceitos e convenções hipócritas. <<http://www.cobra.pages.nom.br/virgindade.html>> acessado em: 8 de setembro de 2008.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo:** Juquery a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade** In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1998.

LEITE, Adriana Campos de Cerqueira. Em busca do sofrimento histórico: a dimensão melancólica da histeria. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, Brasil. p. 71-89

MAGDABOSCO, Maria Helena. Mal-estar e subjetividade feminina. *Revista Mal-estar e Subjetividade* 3 (002). Fortaleza, Brasil. p. 418-438.

PERROT, Michelle (Org.). **História da Vida Privada, 4:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 564-611.

SIGMUND, Freud. **Fragmento da Análise de um caso de histeria**. São Paulo: Imago, 1996.

_____. **Charcot e a histeria**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1996.